

DIALÉTICAS NEOPICARESICAS⁵³Lucimara de Andrade⁵⁴**Resumo**

O “romance picaresco” nasceu na Espanha entre meados do século XVI com a obra anônima *O Lazarilho de Tormes*. O personagem principal deste gênero de romance pode ser definido como um personagem que vive de trapaça, que rejeita o trabalho e que se utiliza de uma linguagem, geralmente coloquial, para narrar suas aventuras e desventuras. No caso do Brasil teríamos os neopícaros (termo criado por Mario González) e entre alguns de seus representantes estão Leonardo de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida; *Macunaíma* de Mário de Andrade e Quaderna de *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna. O presente artigo pretende fazer uma introdução ao gênero picaresco para depois partir para análises dos representantes brasileiros com ênfase para o personagem Quaderna.

Palavras-chave

romance picaresco, Quaderna, personagem, neopícaro, Ariano Suassuna.

Abstract

The "picaresque novel" was born in Spain between about the mid-sixteenth century with the anonymous fiction *O Lazarilho de Tormes*. The main character of this kind of novel can be defined as a character, who lives by cheating, which rejects the job and which uses a language, often colloquial, to narrate his adventures and misadventures. In Brazil we would have the neopícaros (term coined by Mario González) and among some of its representatives are Leonardo of *Memórias de um Sargento de Milícias*, by Manuel Antonio de Almeida; *Macunaíma* by Mário de Andrade and Quaderna of *A Pedra do Reino* by Ariano Suassuna. This article intends to give an introduction to the picaresque genre and then set forth on analyzes of Brazilian representatives of the genre emphasizing the character Quaderna.

Keywords

picaresque novel, Quaderna, character, neopícaro, Ariano Suassuna.

⁵³ Inicialmente este trabalho foi elaborado como trabalho de conclusão da disciplina “A crítica literária no século XX”, do Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ), ministrada pela Prof^a Dr^a Maria Ângela de Araújo Resende.

⁵⁴ Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Teoria da Literatura e Literatura Comparada da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), orientanda da Prof^a Dr^a Leda Maria Martins e bolsista CAPES.

Introdução

O “romance picaresco” nasceu na Espanha entre meados do século XVI com a obra anônima *O Lazarillo de Tormes*. Já no fim do século XVI é publicado em Madri o segundo romance picaresco de que se tem notícia: *O Guzmán de Alfarache* (1599) de Mateo Alemán. O *Guzmán* conquistou êxito excepcional na época, êxito tal que levou alguém a se utilizar do pseudônimo de Mateo Luján de Sayavedra fraudando o projeto de Alemán. Em 1626, a obra de Francisco de Quevedo, *História de la vida del Buscón*, ou o Buscão, é impressa sem a autorização de seu autor. Esses são os três representantes da origem desse gênero.

O chamado pícaro, personagem principal deste gênero de romance, caracteriza-se, segundo Mario González, em sua obra *O Romance Picaresco* como sendo:

a pseudo-autobiografia de um anti-herói que aparece definido como marginal à sociedade; a narração das suas aventuras é a síntese crítica do processo de tentativa de ascensão social pela trapaça; e nessa narração é traçada uma sátira da sociedade contemporânea do pícaro. (GONZÁLEZ, 1988, p.42)

Desta forma, o pícaro pode ser definido como um narrador-personagem que vive de trapaça, que rejeita o trabalho e que se utiliza de uma linguagem, geralmente coloquial, para narrar suas aventuras e desventuras. É um anti-herói que consegue resolver “quase” todos os seus conflitos de maneira humorística. O pícaro assemelha-se aos lendários bobos da corte que eram os “cerimoniários” das festas e que conseguiam, de maneira inteligente, divertir o rei e a corte, muitas vezes criticando os mesmos.

No caso do Brasil teríamos os neopícaros (termo criado por Mario González) e entre alguns de seus representantes brasileiros estão Leonardo de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antonio de Almeida; *Macunaíma* de Mário de Andrade e Quaderna de *A Pedra do Reino*, de Ariano Suassuna.

O presente trabalho buscará fazer uma introdução ao gênero picaresco para depois partir para análises dos representantes brasileiros. Os personagens Leonardo e Macunaíma não serão amplamente analisados, pois o objeto de análise desse trabalho é o personagem Quaderna.

1. O romance picaresco: a gênese

Segundo Mario González (1988), o romance picaresco teve sua origem na Espanha durante a segunda metade do século XVI e a primeira do XVII. Nele os protagonistas contam suas vidas de marginalizados e sua luta pela sobrevivência. As três principais obras do gênero são: *O Lazarilho de Tormes*, *O Guzmán de Alfarache* e *O Buscão*.

O livro *O Lazarilho de Tormes*, de autoria desconhecida, apareceu em 1554 nas cidades de Burgos, Antuérpia e Alcalá. Nele o protagonista Lázaro, nascido à beira do rio Tormes, perto de Salamanca, conta a trajetória de sua vida. A obra é considerada inovadora, por Mario González, pela narração ser em primeira pessoa e pelo fato de ser o relato de um personagem marginal interessado apenas em seu próprio proveito, ao invés de um cavalheiro alheio à realidade histórica.

O Guzmán de Alfarache, de autoria de Mateo Alemán, marginalizado como descendente de judeus conversos, “muitas vezes foi lido como uma síntese da ideologia da Contra-Reforma, mas que pode esconder a maior paródia do discurso religioso”. (GONZÁLEZ, 1988, p.18). Como no *Lazarilho*, no *Guzmán* é o próprio protagonista que narra a história de sua vida, começando pela biografia de seus pais.

Pra González, *Guzmán* apresenta sensíveis acréscimos se comparado ao *Lazarilho*: além do relato e do itinerário serem maiores, há um acréscimo de narrações secundárias e de digressões, o que contribui para a noção de pícaro. Continuando sua análise, o autor explica que o *Guzmán*, pode ser lido como uma viagem com duas etapas: a primeira um processo de ascensão socioeconômica e a segunda um de corrupção que culmina com a condenação, a qual produzirá a “regeneração” do pícaro. No entanto, essa “regeneração” seria, na verdade, uma farsa, pois o pícaro almeja a liberdade material e apenas isso. E essa liberdade é obtida delatando seus companheiros. Além disso, a conversão implicaria na descaracterização do pícaro.

Na sequência, Mario González conta que, no ano de 1626, fora impresso em Saragoça, sem a autorização de seu autor, Francisco Quevedo, *O Buscão (El Buscón)*. *Pablos*, o pícaro de *O Buscão*, conta a sua vida e suas desventuras que começam com pequenas travessuras e furtos até se tornar um “mendigo profissional”. (GONZÁLEZ, 1988, p. 31).

Segundo o autor, a estrutura de *O Buscão* está estabelecida dentro de um complexo processo de evolução do pícaro. Vimos um pícaro que finge tendo como base

sua realidade. Finge ser nobre, mendigo, galã, ator, poeta. Essa inversão hierárquica, como afirma González, é própria da carnavalização da literatura, estudada por Bakhtin. E, um dos alvos mais atingidos é a classe dos fidalgos e as suas pretensões ascensionais, que pode ser sintetizada como a busca pelo poder e pelo dinheiro ou pelo menos o parecer tê-lo.

González explica que o fato de Quevedo pertencer à aristocracia, não permitiu que ele denunciasse a injustiça social, visto que assim ele estaria contrariando a classe na qual ele se apoiava. Porém, ele foi original em juntar a caricatura à picaresca e em criticar essa busca por uma aparência necessária para subir na escala hierárquica.

2. O que é um romance picaresco?

Existe uma grande dificuldade de se chegar a um consenso, isso porque alguns críticos entendem a picaresca como um momento histórico espanhol, outros como a um modelo de conduta, outros por um determinado conteúdo da narrativa.

Segundo González (1988), para falar em romance picaresco deve-se levar em conta primeiro, o modelo histórico da modalidade, o que contribui para entendê-la como um processo e, em segundo, que se deve evitar o erro de ver o romance picaresco a narrativa de uma única fábula com pequenas variantes.

González propõe pensar na picaresca por meio de uma extensão histórica. Assim sendo, o *Lazarilho* seria o germe, *Guzmán* o protótipo e *O Buscão* uma distorção. Esses seriam os “clássicos”, as publicações espanholas do século XVII seriam a “expansão clássica espanhola”. Já os publicados na Europa em fins do século XVII e durante o XVIII podem ser chamados de *picaresca europeia*. A partir daí González propõe o termo, já utilizado por outros críticos, “neopicaresca”.

3. A Neopicaresca brasileira: alguns representantes

3.1. Leonardo: um malandro entre a ordem e a desordem

Segundo Antonio Candido em seu artigo *Dialética da Malandragem*, José Veríssimo definiu, em 1894, as *Memórias de um sargento de milícias* como romance de costumes pelo fato de descrever lugares e cenas do Rio de Janeiro no tempo de D. João VI. Já Mário de Andrade reorientou a crítica caracterizando-o como um romance de tipo marginal.

Para Antonio Candido (1970), o personagem Leonardo seria não um pícaro, “mas o primeiro grande malandro que entra na novelística brasileira, vindo de uma tradição quase folclórica e correspondendo, mais do que se costuma dizer, a certa atmosfera cômica e popularesca de seu tempo, no Brasil.”

Segundo González (1988), a astúcia e a rejeição ao trabalho conduzem Leonardo à trapaça, no entanto ele não tem razões para ocultar sua identidade o que o difere do pícaro clássico. Além disso, ele reduz seu itinerário ao Rio de Janeiro. González esclarece ainda que, em *Memórias*, toda a sociedade aparece apoiada na trapaça, desta forma, o malandro não a enfrenta de fora e nem rejeita criticamente, apenas procura manter-se nela da melhor maneira possível.

A dialética da ordem e da desordem, de que fala Antonio Candido, está relacionada ao estabelecimento das relações dos personagens presentes na narrativa. Leonardo, o “nosso memorando” (como é chamado pelo narrador) transita entre os dois pólos constituídos por representantes arquetípicos. Leonardo não faz planos, não tem metas, ele simplesmente deixa-se levar pela maré. Trata-se de um que “não passa de um parasita da burguesia que jamais pensa em chegar a ser alguma coisa; e boiará folgadoamente instalado na síntese dialética de uma sociedade sem arestas.” (GONZÁLEZ, 1988, p. 52)

A ordem e a desordem como uma espécie de oposição entre o bem e o mal é representada em *Memórias* de forma bem relativas. Segundo Antonio Candido (1970):

o cunho especial do livro consiste numa certa ausência de juízo moral e na aceitação risonha do "homem como ele é", mistura de cinismo e bonomia que mostra ao leitor uma relativa equivalência entre o universo da ordem e o da desordem; entre o que se poderia chamar convencionalmente o bem e o mal.

3.2. Macunaíma: um astuto acima do bem e do mal

González (1988) fala que o personagem Macunaíma, de Mário de Andrade, pode ser visto como um neopícaro brasileiro e cita críticos que já apontaram para o fato, como Joaquim Cardoso, Florestan Fernandes, Antonio Candido, Alfredo Bosi e Gilda de Mello e Souza. O autor explica que Macunaíma, apesar da forte ligação com a picaresca, não está alheio a uma forma de quixotismo, pois “o pícaro quer se integrar na sociedade cuja corrupção denuncia, mesmo em troca de se corromper. Macunaíma é pelo contrário, portador da utopia”. (GONZÁLEZ, 1988, p. 62)

González aponta em *Macunaíma* uma transgressão através da incorporação de uma utopia quixotesca o fato de o personagem emprestar o seu discurso ao narrador; de a narrativa obedecer a uma lógica mítica e de *Macunaíma* não se limitar apenas à comicidade, atingindo assim um grau de criatividade; o erotismo e o fato de *Macunaíma* ter o ócio como princípio. Para o teórico, “os traços neopicarescos de *Macunaíma* ganham importância quando vemos que o terceiro-mundismo da obra ecoa numa série de romances claramente neopicarescos que surgem nos nossos dias”. (GONZÁLEZ, 1988, p. 70)

Sintetizando, “*Macunaíma* é, como os pícaros, um grande fingidor dentro da ficção. Ao ponto que dessa sua redução possível à pura representação lhe nasce, no nosso ver, a falta de caráter com que o autor o define desde o subtítulo da obra”. (GONZÁLEZ, 1988, p. 65)

3.3. Quaderna: um quengo entre o popular e o erudito

Quengo, na linguagem popular, em especial no nordeste, é o nome dado ao indivíduo de grande esperteza: o espertalhão. Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, o “herói involuntário” que sonha se tornar o Gênio da Raça Brasileira, é um personagem curioso que aparece em duas peças de Ariano Suassuna: *A História do Amor de Romeu e Julieta* e *As Cochambranças de Quaderna*. Aparece também no *Romance d’A Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do vai-e-volta* assim como em *História do Rei Degolado nas Caatingas do Sertão: Ao Sol da Onça Caetana. Ao Sol da Onça Caetana* é a primeira parte do que seria o segundo livro (que possuía o título geral de *História do Rei Degolado*) de uma trilogia que se chamaria *A Maravilhosa Desventura de Quaderna, O Decifrador e a Demanda Novelosa do Reino do Sertão*; a qual Suassuna começou a escrever em 1958.

Mario González acredita que “a maior novidade dos neopícaros quiçá esteja em que eles são capazes de formular um projeto social alternativo, em lugar de – como o pícaro clássico – simplesmente procurarem a integração na classe dominante.” (GONZÁLEZ, 1988, p. 83)

A novidade do *Romance da Pedra do Reino* é que o projeto alternativo de seu protagonista é literário. Na verdade Quaderna pretende, através da literatura, erguer seu castelo e se tornar o “Rei do Brasil”. Para González, *A Pedra do Reino* de Ariano Suassuna, publicado em 1971, não pode ser reduzido a uma imitação do modelo

clássico. Para o autor, “a aproximação é válida a partir do anti-herói que realiza suas aparições metalinguisticamente, já que ao mesmo tempo em que narra o seu projeto anti-heroico de escrever a epopeia (...), está escrevendo o romance que o realiza como escritor”. (GONZÁLEZ, 1988, p.74)

De acordo com Bráulio Tavares o delirante projeto de Quaderna requer uma antropofagia de todos os gêneros. Para isso ele “passa a escrever ou reescrever histórias reais, histórias fictícias, poemas de autores eruditos, versos de cordel, romances ibéricos, documentos históricos, textos proféticos, visões sobrenaturais, epigramas, anedotas fesceninas.” (TAVARES, 2007, p.152) A multiplicidade estrutural da obra que se apresenta como memorial, romance, — narração de infortúnios, epopeia, biografia, testemunho e discurso de defesa é fruto do caráter megalomaniaco de seu autor fictício.

Quaderna poderia ser considerado como um verdadeiro representante do “Armorialismo Suassuniano”⁵⁵, pois o escrever e o reescrever, o unir o popular e o erudito mostram a proposta de seus mestres e rivais, que serão apresentados logo adiante. Enquanto seus mestres lutam por erguer cada um a sua bandeira Quaderna luta pela união. Quaderna opta pelo meio. Quaderna opta pela “terceira margem”⁵⁶.

4. Quaderna e a neopicaresca no *Romance da Pedra do Reino*

Os pícaros geralmente possuem um caráter itinerante, o que não acontece com Quaderna, que vive em Taperoá, onde trabalha e tem casa própria. Quaderna é redator da Gazeta de Taperoá, diretor da Biblioteca Municipal Raul Machado, mora em um casarão ao lado da Biblioteca, é dono de duas outras casas pegadas à sua onde moram os seus mestres e rivais (o Doutor Samuel e o Professor Clemente), é proprietário da “casa-de-recurso”, a “Estalagem à Távola Redonda” e também é chefe-organizador das Cavalhadas. Ocorre aqui então uma inversão da picaresca, pois, aqueles que poderiam, pelo fato de serem acadêmicos, “tomar” o seu lugar no trono da Literatura Brasileira, moram de favor nas casas que pertencem a ele.

⁵⁵ O Movimento Armorial foi encabeçado por Ariano Suassuna na década de 70. O Movimento foi lançado oficialmente em 18 de outubro de 1970. Na época Suassuna era diretor do Departamento de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco, cargo que aceitara em 1969 a pedido do então reitor Murilo Guimarães. O Movimento Armorial implicou na convocação de artistas de diversas áreas que se em torno de um conceito estético que pretendia criar uma arte brasileira erudita baseada na cultura popular.

⁵⁶ Menção ao nome do conto “A terceira margem do rio”, do escritor Guimarães Rosa, presente no livro *Primeiras Estórias*.

Quaderna sofreu a influência, desde a sua infância, de seus mestres e rivais: o Professor Clemente e do Doutor Samuel, dois homens que foram como que tutores intelectuais. A relação bilateral (mestres e rivais) deve-se ao fato de a convivência de Quaderna com ambos ser indispensável à sua formação política e literária e lhe garantir certo *status*. Por outro lado, eles são ameaças (por serem acadêmicos e Quaderna não) à sua saga em busca da criação da obra que o tornará o “Gênio da Raça Brasileira”, cargo ainda desocupado e a ser consagrado pela Academia Brasileira de Letras.

Segundo Quaderna, Samuel só quer aceitar como verdadeiramente Brasileiros os Fidalgos Ibéricos, enquanto Clemente só aceita os descendentes de Negros e Tapuias. Extremistas e arbitrários, os mestres de Quaderna entram em discussões sobre suas preferências, em especial no campo literário, pois sendo mestres e acadêmicos, tentam ambos influenciar Quaderna, e, como não conseguem que ele tome partido de nenhum dos dois lados, passam a tratá-lo com desprezo:

Samuel e Clemente continuavam a me desprezar um pouco. Diziam que, apesar das lições que me davam, minha Literatura “era a mais misturada e de mau gosto do mundo”. Não me perdoavam a influência que eu continuava a receber dos “folhetos” e da convivência com “bêbados, Cantadores e outros valdevinos”. Reclamavam contra os romances-de-safadeza do Visconde de Montalvão. E, mais do que tudo, contra o culto que meu Pai tinha a José de Alencar e que passara a mim: eu, tendo lido, aos quinze anos, os heroísmos e cavalarias de Peri e Arnaldo Louredo, assim como as safadezas de alcova de Lucíola, fiquei fascinado e me tornei, também, devoto do autor de *O Sertanejo*, quem Clemente e Samuel consideravam “um autor de segunda ordem”. (SUASSUNA, 2006, p 178)

A literatura misturada e de mau gosto de Quaderna nada mais é do que uma extensão de sua personalidade espartilhada, que se apresenta como uma “encruzilhada de antagonismos que lhe permite proclamar-se “Monarquista de Esquerda” e outros rótulos que exprimem sua natureza contraditória, duplamente dual.” (TAVARES, 2007, p.145)

Quaderna está envolvido em várias atividades. Diferente de Leonardo que é um adepto da vadiagem e de Macunaíma que decretou o ócio como lema com sua famosa expressão “Ai, que preguiça!” Quaderna possui profissões que permitem a ele um ócio remunerado:

quanto a mim, incapaz de cavalarias, meu Pai me destinou à carreira eclesiástica, que, podendo me levar até o posto de Bispo, poderia me tornar Príncipe da Igreja (...). Por isso fui enviado ao vestuto Seminário da Paraíba (...), sendo expulso em 1923. Mas, em 1924, com a ascensão do prestígio

político de meu Padrinho, terminei nomeado Bibliotecário, Tabelião e Coletor, o que me proporcionou um ócio remunerado de fidalgo-de-toga, ainda insuficiente, porém já mais consentâneo com meu sangue real. (SUASSUNA, 2006, p 179)

Foi por causa dessa decisão minha, Excelência, que nenhum Quaderna trabalha para filho da puta nenhum! Proibido pelo consuetudinário-fidalgo da família, nenhum Quaderna tem patrão nenhum que exija de nós as obrigações e os trabalhos que têm os industriais, os comerciantes e outros desgraçados e danados Burgueses com vocação de burro de carga! Todos nós só temos profissões livres, ociosas e marginais de Fidalgos! (SUASSUNA, 2006, p. 385)

Talvez esse acúmulo de atividades seja uma maneira de acumular títulos, os quais ele provavelmente acredita contribuir para dar-lhe certo de *status*, colocando-o em uma posição acima dos demais: “Ora, eu, Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna, sou o mesmo Dom Pedro IV, cognominado “O Decifrador”, Rei do quinto Império e do Quinto Naípe, Profeta da Igreja Católica-Sertaneja e pretendente ao trono do Império do Brasil.”(SUASSUNA, 2006, p.33)

Ele gosta de ser, ou melhor, de aparentar ser alguém importante e para manter isso, muitas vezes ele finge, mente, trapaceia. E o fato de ele ser o narrador contribui muito para isso, pois isso permite que ele manipule o diálogo com os outros personagens, assim como o diálogo com os leitores, como se buscasse cúmplices: “deitei-me no chão de tábuas, perto da parede, pensando, procurando um modo hábil de iniciar este meu Memorial, de modo a comover o mais possível com a narração dos meus infortúnios os corações generosos e compassivos que agora me ouvem.” (SUASSUNA, 2006, p.33)

Como bom fingidor, Quaderna usa de sua esperteza para trapacear, e suas maiores vítimas são seu mestre e rivais: “Meu plano era obter deles, aos poucos, sem que nenhum dos dois pressentisse, a receita da Obra da Raça, para que eu mesmo a escrevesse, passando a perna em ambos.” (SUASSUNA, 2006, p. 192) Além do Corregedor a quem ele enrola o máximo que pode para não se comprometer: “era uma pergunta direta, perigosa e à qual eu não podia responder com muita precisão, de modo que procurei tergiversar.” (SUASSUNA, 2006, p. 348)

O que a move é a narração é o plano megalomaniaco de Quaderna, ou seja, se consagrar o *Gênio da Raça Brasileira*, através da publicação de sua obra baseada na estranha e misteriosa morte de seu padrinho, Dom Pedro Sebastião e no evento da Cavalgada do *Rapaz do Cavalo Branco*, “a mais estranha Cavalgada que já foi vista no

Sertão por homem nascido de mulher.” (SUASSUNA, 2006, p. 35) Escrever essa obra é praticamente uma obsessão para Quaderna, tanto que ele mesmo diz que “é deste relato que depende a minha sorte e ninguém é tão fanático a ponto de fazer Literatura em troca de cadeia.” (SUASSUNA, 2006, p. 51)

5. Quaderna: um exímio retratista de miragens⁵⁷

Tentar classificar Quaderna como um neopícaro seria reduzi-lo. Talvez a complexidade do personagem esteja ligada ao fato de ele pertencer a uma trilogia inacabada, além de outras obras. Vale aqui deixar registrado que a narrativa de Quaderna muda de tom do *Romance d’A Pedra do Reino* para obra *História do Rei Degolado*, e mais adiante nos folhetins publicados no Diário de Pernambuco com o título de *As Infâncias de Quaderna*.

Na obra *História do Rei Degolado*, Quaderna se vê coagido pelo Juiz Corregedor que o intima a dizer quem ele é. Evitar saber quem ele é e até evitar que os outros descubram, sempre foi a preocupação fundamental da vida de Quaderna. No entanto, ao ser chamado de “bufão irresponsável” pelo Juiz Corregedor Quaderna se defende:

assim, Senhor Corregedor, acho que não sou um bufão insensível ao sofrimento dos outros. Nem poderia sê-lo, porque a minha própria vida foi uma “viacrucis” de sangue e de sofrimento. Se tenho procurado rir e organizar minha vida como um espetáculo de Circo, foi porque sempre me considerei como “um cruzamento de Rei e Palhaço”, sendo que, talvez, a parte mais valente, a parte que talvez venha a me salvar, seja a da coroa de flandre, a da roupa estrelada e esburacada do Palhaço de circo-pobre que sou eu. Foi o jeito que achei para neutralizar e enganar o infortúnio! (SUASSUNA, 1977, p. 72-73)

Maria Aparecida Lopes Nogueira considera Quaderna “um personagem emblemático, pois representa um dos tipos mais importantes existentes no sertão nordestino: o chamado “amarelinho”, homem do povo, que enfrenta as adversidades da vida com astúcia.” (NOGUEIRA, 2002, p. 30) Quaderna como “um amarelinho”, ou

⁵⁷ QUEIROZ, Raquel de. Prefácio: Um romance picaresco? In: SUASSUNA, Ariano Villar. *Romance d’A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2006, p. 15- 17.

como um sertanejo, é “antes de tudo, um forte”⁵⁸ ou daqueles que “procuram tornar a loucura da vida alguma coisa de suportável, de literariamente aceitável e epopeicamente belo.” (SUASSUNA, 1977, p. 73)

5. Considerações Finais

Suassuna diz que ninguém pode realmente entender a personalidade de Quaderna sem ler a primeira parte de *O Rei Degolado*. Mas como se trata de ficção e todo bom poeta é um fingidor, temos que ter em mente que esses seres são criados por meios literários e discursivos, por mais reais que eles pareçam.

Quaderna está ligado a dualidades, ele une e mescla conceitos. Os dois rochedos gêmeos na Região da Pedra Bonita, entre os estados da Paraíba e de Pernambuco, que simbolizam as torres de seu castelo mítico, simbolizam esse aspecto de sua personalidade. Dual e forte: um sertanejo. Durante todo o romance narrado por nosso epopeieta Dom Pedro Dinis Ferreira-Quaderna – “no seu próprio nome, um encontro e entre o *popular* Dom Diniz, o cantador; e o considerado *erudito* Dom Pedro II – é possível observar outras dualidades: *O Brasil Real* e o *Brasil Oficial*⁵⁹, o sagrado e o profano, o arcaico e o moderno, a literatura oral e a escrita, o local e o universal.” (LEMOS, 2006, p. 108)

Referências Bibliográficas:

CANDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias). **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, nº 8, São Paulo, USP, 1970, p. 67-89. Disponível em:

<<http://www.wagnerlemons.com.br/dialeticadamalandragem.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2013.

GONZÁLEZ, Mario. **O romance picaresco**. São Paulo: Ática, 1988.

⁵⁸ Expressão utilizada por Euclides da Cunha na obra *Os Sertões*.

⁵⁹ As expressões “país real” e “país oficial” foram criadas segundo Ana Paula Lemos (2002) por Machado de Assis em uma crônica de jornal publicada em 1870. Dizia ele que o *país real* é bom e reserva os melhores instintos e que o *país oficial* é caricato e burlesco. Segundo a autora, Ariano SUASSUNA trabalha esses conceitos em toda a sua obra. No entanto, como explica a autora, ao contrário do que se pode imaginar, falar desse *Brasil Real* não é só falar do Brasil Rural; e falar da cultura popular brasileira não é só falar de terra e sertão. É também falar disso. E é essa cor local que ele quer destacar através da carnavalização, das cavalhadas e do circo.

LEMOS, Anna Paula. O popular e o erudito: Ariano SUASSUNA e algumas dualidades. In: **Literatura e sociedade**: narrativa, poesia, cinema, teatro e canção popular. André Bueno (org.). Rio de Janeiro: 7Letras, 2006. p. 106-116).

NOGUEIRA, Maria Aparecida Lopes. **Ariano SUASSUNA O Cabreiro Tresmalhado**. São Paulo: Palas Athena, 2002.

SUASSUNA, Ariano Villar. **História do Rei Degolado nas Caatingas do Sertão: ao Sol da Onça Caetana**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1977.

SUASSUNA, Ariano Villar. **Romance d'A Pedra do Reino e o príncipe do sangue do vai-e-volta**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

TAVARES, Bráulio. **ABC de Ariano SUASSUNA**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.